

MEMÓRIA AFETIVA ARQUIVÍSTICA

Sonia Maria Troitiño Rodriguez¹

E

ste é um texto propositalmente escrito em primeira pessoa – algo pouco comum para as formalidades acadêmicas. É um texto que deliberadamente fala de memórias, afinidades e compartilhamento de saberes e experiências. Nas palavras de Halbwachs,

se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo, tendo desenvolvido pesquisa na linha temática Historiografia e Documentação. Professora nos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia (FFC/Unesp) e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/UNESP).



E, assim, este exercício de rememoração e presentificação dos ensinamentos de Heloísa Liberalli Belloto oscila entre influência intelectual e afetividade pessoal.

Não me lembro a primeira vez em que vi ou ouvi falar de Heloísa Liberalli Bellotto. Provavelmente se confunda com o próprio conhecimento que tenho sobre arquivos permanentes – minha porta de entrada na arquivologia. Por eles e a partir deles tive a possibilidade de conhecer seus trabalhos e a própria autora. Mas, talvez, salvo arrependimentos de memória, lembro da vez em que fui a ela apresentada. Era o começo dos anos 2000, estava há poucos meses trabalhando no Arquivo Permanente do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) e a profa. Heloísa Bellotto atuava como consultora do Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo (SAESP/APESP). Ambos os órgãos, localizavam-se no mesmo conjunto de edifícios, sito no Bairro de Santana da capital paulista. Aproveitando a oportunidade de sua visita para uma das reuniões de trabalho, Profa. Heloísa, gentilmente, reservou um pouco de seu tempo para ir até o Arquivo Permanente discutir conosco sobre os livros de entrada de imigrantes². Não é novidade que o exercício da arquivística aplicada, com frequência, torna-se muito mais complicado e intenso do que a literatura, às vezes, o sugere. E este é o encantamento que arquivologia causa e que foi tão bem exposto por Bellotto (2008), na entrevista “O discreto fascínio da arquivologia”.

A este, nos mais de 20 anos que se seguiram, deram-se muitos encontros e conversas. Compartilhávamos gostos em comum: manuscritos antigos, documentação colonial, paleografia, diplomática, tipologia documental, teoria arquivística, história dos arquivos, história institucional, história ibérica e brasileira. Governança arquivística. As conversas eram longas e nunca se esgotavam.

Considerando minha base de formação e trajetória no mundo dos arquivos, partindo de vivências em diferentes instituições de custódia de arquivos permanentes, sempre trabalhando com documentos desde séc. XVI até o XX, posso dizer que cresci profissionalmente sob influência dos estudos de Bellotto. O interesse pelos arquivos e

² Livros de registro de entrada de imigrantes. Fundo Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas (SACOP). Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

seus acervos, assim como a empolgação pela análise de seu elemento base - o documento - sempre foi um denominador comum.

Talvez pelo meu caminho particular até a arquivística ter se dado a partir da história - da história para a documentação seriada e manuscrita, do manuscrito para a paleografia, da paleografia para a arquivística aplicada, da prática à teoria, com intercorrências, evidentemente -, sentia uma proximidade grande com Heloísa Bellotto, que muito jovem se formou em biblioteconomia e, na sequência, abraçou a história e suas técnicas mais aprimoradas de análise documental, tendo contato com a paleografia e seguindo para o universo da arquivologia, lançando-se a níveis bastante profundos de reflexão teórica sobre a ciência dos arquivos e sua realidade vivenciada. Essas trajetórias, distintas em sua essência e dimensões, despertaram afinidades.

Durante mais de quinze anos trocamos correspondência por meio eletrônico. Entre as mensagens intercambiadas, algumas abordavam questões e debates teóricos, grandes ensinamentos que absorvi e merecem ser compartilhados, como, por exemplo, a discussão que tivemos por ocasião da publicação da tradução do famoso texto de Antonia Heredia Herrera, "Em torno do tipo documental" (HERRERA; RODRIGUEZ, 2022).

Querida Heloísa, como vai?

[...] Escrevo para tirar uma pequena dúvida arquivística. Estou fazendo a tradução do texto da Antonia Heredia para publicar na revista da ARQ-SP, En torno al tipo documental. Em um determinado trecho (Revista Arq & Adm, p.33), Heredia (se autocitando) menciona o tipo "expediente de quinta". E é justamente sobre esse documento que tenho dúvida, pois nunca vi nenhum (são típicos de arquivos municipais espanhóis e eu só trabalhei no nacional), mas entendi que seriam processos de alistamento militar.

Para compreender melhor, procurei o nome do tipo mais próximo presente no Manual de Tipología Documental de los Municipios (p.58): Expediente Personal (Quintas). Ao ler a descrição do tipo, lembrei um pouco daqueles documentos do Arquivo do Estado referentes a bandos e ordenanças militares e aquelas listas e relações de alistamento (guardadas as devidas diferenças temporais). O que você acha? [...]

Espero não incomodar muito. Sei que esta é uma dúvida pontual em todo o texto, nem ao menos é o centro da questão, mas realmente quero que a tradução do nome do tipo documental seja o mais exata possível. (TROITIÑO, 2021b)

Com a resposta para esta dúvida, veio uma lição a se levar para a vida:

Querida Sonia

Sempre digo nos meus trabalhos e aulas que a denominação do tipo documental não concerne à Arquivologia, e sim, já que se trata da gênese do documento, sendo concernentes, pois, tanto a sua redação, como a sua denominação unicamente à administração pública, ao direito, à administração corporativa, à sistemática burocrática, aos usos e costumes institucionais, regionais, nacionais etc. vigentes no país-língua originais. Portanto, não nos cabe denominar tipos documentais e muito menos, traduzi-los, por mais que se assemelhem, em sua finalidade, à documentos do país para cuja língua estamos traduzindo. Tipos documentais são intraduzíveis, a meu ver. Mesmo que a grafia seja idêntica, o que é comum no caso português-castelhano, sabe-se lá o quê, realmente e a fundo, a função do teor daquele documento é exatamente a mesma em um e em outro país. Eu, se fosse você, traduziria tudo, mas deixando os nomes dos tipos no original, explicando o porquê. É a minha opinião. Espero que te ajude e não que atrapalhe. (BELLOTTO, 2021b)

Dispensa dizer que o aprendizado se completou e na versão final da tradução, os nomes em língua original foram mantidos, sob a devida nota de esclarecimento.

A discussão sobre tipo e espécie documental já havia sido, anteriormente, mote para a troca de mensagens. Diante de minhas dúvidas e provocações para entender conceitualmente mais a fundo, espécie e tipo documental, fui regalada com a seguinte explicação:

[...] Quanto à espécie, fui eu que introduzi isso para que os alunos vissem bem a diferença do documento enquanto ele é uma fórmula, um modelo aceitável de “arma” jurídica, é o que Heredia chama de tipo jurídico que para mim é a mesma coisa que o diplomático e por isso ela não precisa de se servir do termo espécie. Porque a Arquivística espanhola e outras (as que falam em tipo, porque a norte americana nem fala nisso) só colocam o tipo, sem diferenciá-lo da espécie? Eles não deixam de ter razão. Sabe por quê? Eles só estão abordando a questão dentro da Arquivística e nesse caso, o documento já está feito, já está preenchido, já disse a que veio, dentro de uma função ou determinação. Já é um tipo. No Arquivo não cabem fórmulas vazias, mas no Direito e na Diplomática, sim, porque eles devem fornecê-las (são as espécies) para serem preenchidas de acordo com a função e atividades que representam. (BELLOTTO, 2010)

Em 2019, durante alguns meses, trabalhamos lado a lado na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM/USP). Semanalmente, Ana Maria Camargo, Heloísa Bellotto e eu, nos encontrávamos na BBM para cada qual desenvolver seu projeto arquivístico. Enquanto a profa. Ana Maria se ocupava da coordenação dos trabalhos arquivísticos



relativos aos fundos da BBM, Heloísa Bellotto se dedicava à elaboração do catálogo da coleção Província Cisplatina³ e eu me debruçava na identificação documental da coleção Documentos Históricos e de documentos avulsos presentes no acervo da BBM (TROITIÑO, 2020). Três desafios arquivísticos que nos enchiam de ânimo e prazer, tanto pela raridade documental que implicavam, quanto pelas agráveis conversas e pelas análises documentais conjuntas que elaborávamos. Nesse ambiente é que surgiu um projeto estimulante, a ser formalizado por meio de um pós-doutorado, sob supervisão da profa. Bellotto.

Devo remeter a ideia à sua criadora de direto: Heloísa Bellotto. Entre tantas páginas de documentos seiscentistas, setentistas e oitocentistas; entre tantas diferentes interpretações possíveis que elucubrávamos, se aventou a possibilidade de um exercício que combinasse diferentes metodologias e técnicas de análise documental, a partir de distintas matrizes teóricas e áreas de conhecimento. Era uma proposta sedutora, que exigia um determinado grau de erudição e experiência em nível mais aprofundado. Juntas, começamos a desenhar o contorno desse projeto, infelizmente, interrompido pela Pandemia de COVID-19 e que ficou aguardando, pacientemente, a normalização da situação para poder ser retomando.

Apesar de não ser uma de suas habilidades mais propagadas, Heloísa Bellotto era uma exímia paleógrafa. Assim que, quando eu estava no processo de organização do dossiê Caminhos da Paleografia (TROITIÑO, 2021a), publicado pela Revista LaborHistórico, me pareceu bastante oportuna sua participação. Então, Heloísa Bellotto, nos presenteou com a reedição do texto “Dinâmica do Livro na Universidade Medieval” (BELLOTTO, 2021a), na seção Clássicos. Publicado originalmente na extinta Revista Comunicações e Artes (BELLOTTO, 1982), este é um dos textos de sua autoria menos conhecidos, porém contendo uma quantidade de informações relativas aos processos de escritas e a produção de livros, que enriquece qualquer análise histórica sobre o tema. A lógica burocrática de universidades e monastérios medievais é um universo poucas vezes tratado nos estudos brasileiros. Nada mais arquivístico: recuperação de contexto e

³ Parte da coleção Província Cisplatina se encontra disponível para consulta em <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8048>.



processos de registros documentais. Assim que, durante alguns meses trabalhamos juntas para possibilitar essa reedição e dar a conhecer conteúdos tão significativos.

Nossas conversas e trocas de mensagens nos últimos meses se seguiram em tom mais intimista. Em janeiro, havíamos marcado um encontro, sem data definida, para breve. Esse terá que esperar um pouco mais.

27 de maio de 2023.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, H. L. (2021a). **Dinâmica do Livro na Universidade Medieval**. LaborHistórico, 7(3), 517-527. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.50178>

BELLOTTO, H. L. **A dinâmica do livro na universidade medieval**. Revista Comunicações e Artes, São Paulo, n.11, p. 1-11, 1982.

BELLOTTO, H. L. **O discreto fascínio da arquivologia**. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, p. 8 - 15, 01 jan. 2008.

BELLOTTO, H.L. **Dúvida tipológica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <stroitino@globo.com> em 22 nov. 2021b.

BELLOTTO, H.L. **Espécie e tipo documental** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <stroitino@globo.com> em 13 mar. 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HERRERA, A. H.; RODRIGUEZ, S. M. T. **Em torno do tipo documental**. OFFICINA - Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo, [S. l.], v. 1, n. 1, 2022. DOI: 10.29327/263416.1.1-7. Disponível em: <https://revista.arqsp.org.br/index.php/revista-da-associacao-de-arquivi/article/view/8>. Acesso em: 28 maio. 2023.

TROITIÑO, S. **Caminhos de uma ciência em constante renovação (Apresentação)**. LaborHistórico. Rio de Janeiro, v.7, n. 3, p.10-17, 2021a. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i3.52840>. Acesso em: 28 maio. 2023.

TROITIÑO, S. **Dúvida tipológica**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <hbellotto@yahoo.com.br> em 21 nov. 2021b.

TROITIÑO, Sonia. **Relatório final de atividades do projeto**: Estudo tipológico do acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM). 2020. (Relatório de pesquisa)

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International.

